

A dívida externa ainda dá pesadelo

Para o País retornar à situação de 1980, precisaria exportar US\$ 92,7 bi por ano



Klaus Kleber

Os economistas afirmam com razão que não é razoável comparar os resultados das contas externas brasileiras com o PIB medido em dólar. Com a desvalorização de 35% do real desde janeiro do ano passado, comparar o déficit em conta corrente, que registrou em 1999 uma redução de 27,4% em relação ao ano anterior, com o PIB em dólar corrigido leva, sim, a uma distorção.

Mas seria uma visão míope achar, como o governo e alguns analistas, que as nossas contas externas melhoraram a ponto de deixar de ser preocupantes. A dívida externa, por exemplo, hoje não dá tanto ibope como em outros tempos, mas nunca foi tão assustadora.

Como condiz com uma virada de século, vamos por décadas: a dívida externa total do Brasil, que não passava de US\$ 5,295 bilhões em 1970, saltou para US\$ 53,847 bilhões em 1980, entrou os anos 90 na casa de US\$ 120,918 bilhões e, segundo o Banco Central, estava, em novembro do ano passado, em US\$ 238,901 bilhões.

É verdade que, nesses trinta anos, as exportações também cresceram: em 1970 as vendas externas brasileiras não iam além de US\$ 2,739 bilhões, e no espaço de uma década multiplicaram-se por dez (US\$ 20,132 bilhões em 1980). Avançaram para US\$

31,414 bilhões em 1990 e fecharam 1999 em US\$ 48,011 bilhões.

Soltos assim, todos esses números não significam

muita coisa. É preciso correlacioná-los. O ex-ministro Mário Henrique Simonsen gostava muito, quando discorria sobre o tema candente da dívida externa, de usar a relação dívida líquida/exportações, um tipo de comparação que parece ter saído de moda na linguagem técnica nas últimas décadas, e logo o leitor vai perceber por quê.

Fazer a conta é muito simples: você toma o total da dívida externa, diminui dele o valor das reservas e divide pelo valor das exportações. Em 1970 a relação dívida líquida/exportações era de 1,50, isto é, em um ano e meio, usando

a receita de suas vendas externas, o Brasil poderia pagar sua dívida. A coisa piorou em 1980, mas, como se esforçavam por mostrar as autoridades monetárias da época, era ainda bastante administrável. A relação era então de 2,33. Já em 1990 a relação era de 3,53. E hoje está longe disso.

As contas agora tornaram-se um pouco mais complicadas pela introdução do conceito de reservas líquidas. Segundo informa o Banco Central (BC), o Brasil tinha em 31 de dezembro reservas, no conceito de liquidez internacional, de US\$ 36,342 bilhões.

Ocorre que esse total inclui um saldo de cerca de US\$ 13,5 bilhões do pacote de socorro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e de outros 20 países ao Brasil (o BC só informa o número exato de três em três meses). Tirando esse colchão, ficam as reservas líquidas (as quais podemos chamar de realmente nossas) de US\$ 22,842 bilhões.

Bem, se nossa dívida bruta total era, em novembro do ano passado (os números de dezembro ainda não saíram), de US\$ 238,901 bilhões, a nossa dívida líquida total era de US\$ 216,059 bilhões, subtraídas as reservas líquidas (US\$ 22,842 bilhões). Esse total, dividido pelo valor de

A dívida cresce em marcha batida, enquanto as exportações marcam passo

nossas exportações em 1999 (US\$ 48,011 bilhões), dá 4,50. Isto é, o País precisa da receita de exportações de quatro anos e meio para hipoteticamente saldar a dívida. Vê-se por aí como a situação piorou. A nossa dívida cresceu em marcha batida, mas as exportações ficaram marcando passo.

Outro exercício interessante seria verificar quando teríamos de exportar para ter a mesma relação dívida líquida/exportações de 1980 (2,33), presumindo que a dívida e as reservas se mantinham no mesmo patamar. Basta dividir a dívida líquida por 2,33, o que dá US\$ 92,729 bilhões. E, como temos visto, não exportamos nem metade disso.

Fala-se muito que a realidade

de hoje é bastante diferente e que não se pode esquecer que o Brasil virou um dos principais portos de importação de investimentos diretos. O volume de capital de risco que entrava no País não passou de US\$ 1,45 bilhão em 1980 e, em 1990, pingaram só uns míseros US\$ 510 milhões. O ingresso de investimentos diretos, que só passou a crescer significativamente a partir de 1994, chegou à soma espetacular de US\$ 29,976 bilhões no ano passado. E deu para cobrir com substancial sobra o déficit em conta corrente (US\$ 24,375 bilhões).

Mas os "nouveaux économistes", como os chama o deputado Delfim Netto, não se lembram de outro tipo de cálculo também muito usado no passado, ou seja, quanto custa o serviço da dívida, que inclui os pagamentos de juros e de amortizações. Ora, no ano passado pagamos US\$ 15,170 bilhões de juros e desembolsamos o fabuloso total de US\$ 51,905 bilhões de amortizações (valor quase igual à dívida total de 1980: US\$ 53,847 bilhões). Somando os juros e as amortizações pagos em 1999, temos US\$ 67,075 bilhões, que é o amargo preço do endividamento. E o total recorde de investimentos diretos em 1999 só representa 44,6% desse valor. Se tomarmos as exportações como referência, como é mais correto, elas representaram 71,5% do serviço da dívida.

Apesar dessa mania de fazer contas, ainda costume dormir bem à noite. ■

E-mail: kkleber@gazetamercantil.com.br